

## **COMUNICAÇÃO INAUGURAL**

### **DO PRESIDENTE DO III.º ENCONTRO LUSÓFONO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, PROF. DOUTOR MOISÉS DE LEMOS MARTINS \***

Senhor Secretário de Estado da Comunicação Social, Dr. Arons de Carvalho,  
Senhora Vice-Reitora da Universidade do Minho, Professora Cecília Leão,  
Senhor Presidente da Federação Lusófona de Ciências da Comunicação, Professor Marques de Melo,  
Excelentíssimas Autoridades,  
Caros colegas,  
Minhas senhoras e meus senhores,

A Federação Lusófona de Ciências da Comunicação é a promessa de uma comunidade linguística e comunicativa nas ciências da comunicação. Há dois anos sonhámo-la em Lisboa, na Universidade Lusófona. Um ano depois, constituímo-la em Aracajú, no Estado de Sergipe, no Brasil.

Em comum tínhamos logo à partida o essencial. Tínhamos uma língua que era testemunha, em si mesma, da história que, para o bem e para o mal, as nossas sociedades partilharam ao longo de séculos. Tínhamos o facto de sermos todos cientistas da comunicação, activos nos nossos distintos países. E tínhamos o afecto que circulava entre nós por sentirmos a fundura das raízes de que uma língua comum é garantia.

Hoje estamos na rampa do nosso lançamento para o mundo. Estamos indubitavelmente mais fortes e mais organizados do que no passado e

---

\* Departamento de Ciências da Comunicação, Universidade do Minho, Braga. E-mail: moisem@ics.uminho.pt

começa a ser finalmente possível entre nós uma cooperação e um intercâmbio científicos vivos, plurais e regulares. Este Encontro conta com perto de 300 inscrições. São cerca de 130 as inscrições com comunicação, das quais mais de 70 são de investigadores portugueses e perto de 50 de investigadores brasileiros. Investigadores convidados, para sessões plenárias e coordenação de sessões temáticas, são 21, dos quais 10 são portugueses e 7 são brasileiros. Entre os africanos, destaca-se a presença moçambicana do Dr. Nelson Saúte e a presença angolana do Dr. Albino Carlos. Ambos os investigadores pertencem à direcção da Lusocom.

300 inscrições, das quais 130 com comunicação. Este é assim um momento de grande júbilo e mesmo de algum alvoroço. É verdade, no entanto, que tem ainda muito de hiperbólica a expressão «mundo da lusofonia», se aplicada às ciências da comunicação. A África lusófona é quase por inteiro a grande ausente-presente dos nossos Encontros. Ainda ausente, porque de pequena expressão no nosso campo científico. Presente, todavia, uma vez que é um signo forte do nosso desejo e do nosso afecto. Em contrapartida, o Brasil tem nas ciências da comunicação uma tradição académica de mais de quarenta anos. E em Portugal, o Departamento mais antigo de Ciências da Comunicação, o da Universidade Nova de Lisboa, festeja o vigésimo aniversário da sua fundação. Esperamos que mais dez anos sejam suficientes para em Luanda ou no Maputo, na cidade da Praia ou em Bissau, podermos celebrar o cumprimento do nosso desígnio lusófono em toda a sua extensão.

O que há de surpreendente na Lusocom, nesta promessa de comunidade linguística e comunicativa, é o facto de não ser possível pensá-la nas diversas e distantes latitudes dos nossos pontos de origem sem as novas tecnologias que são as técnicas da cibernética. Pode mesmo dizer-se que a nossa presença aqui deve muito a esta nova realidade implantada pela revolução das transmissões, pelas novas tecnologias, e designadamente pela Internet. Enquanto realidade de alguma maneira tornada possível pela força tecnológica, a Lusocom tem tudo de uma comunidade virtual: em termos semióticos, pertence à categoria do possível; e em termos de tecnologia da informação, ao reino do ciberespaço.

Realidade dos novos tempos, a Lusocom aparece assim como uma promessa e como uma configuração de mitos: em paralelo com a promessa e o mito de uma comunidade-que-vem, com a promessa e o mito de uma comunidade ideal de comunicação, ela é também a promessa e o mito de um corpo-a-vir, um corpo colorido de muitas etnias, colorido mesmo com o sofrimento do povo maubere, com a tragédia de Timor Loro Sae.

O virtual (do latim, *virtus*: virtude, força) é aquilo que está em potência no real, aquilo que tem em si todas as condições essenciais da sua realização. Uma reserva, no entanto: há que distinguir entre aquilo que se

percebe e aquilo que existe, entre aquilo que é suscitado em nós e aquilo que está fora de nós. Os fenómenos que solicitam os nossos sentidos são sempre reais, são fenómenos físicos. Mas as representações que eles desencadeiam em nós, tanto podem corresponder a objectos que existem realmente (a objectos que são objectos reais), como a objectos que não existem (a objectos que são objectos virtuais).

Daí o paradoxo que acompanha a mudança tecnológica ocorrida entre nós: nesta passagem dos átomos para os bits, tanto nos iluminamos, como nos cegamos. É que este tempo tanto é um tempo de luz como um tempo de impostura.

Ainda agora, nos dias de chumbo em que a lusofonia aprendeu a soletrar Timor, vi escrito, e com razão, que quem salvou o povo maubere foram as manchetes e os editoriais do *Libération*, do *Herald Tribune*, do *Guardian*, do *New York Times*, do *Washington Post*, assim como os momentos de atenção que a *BBC World* e a *CNN* lhe dedicaram. Nesses dias de chumbo, em que aprendemos todos a soletrar Timor, vi escrito que uma rádio em Portugal, no caso a *TSF*, fez as vezes de um movimento social.

E nada melhor do que a televisão para nos mostrar, nesses dias de chumbo, a incapacidade da comunidade internacional perante a barbárie que sobre Timor se abateu. Nada melhor do que a televisão para nos mostrar a incapacidade da ONU e da União Europeia. Nada melhor do que a televisão para nos mostrar também a nossa irremível dependência da hegemonia americana no mundo.

Tempo de luz, mas também de iniludível impostura. Esta é uma bem complexa questão, sobretudo se conjugada com o facto de as nossas sociedades, ou algumas delas, não terem ainda cumprido algumas das promessas da modernidade (e eu relembro-as, liberdade, igualdade e fraternidade), ao mesmo tempo que se sentem atravessadas por traços de pré-modernidade e também, principalmente nos grandes centros urbanos, por novas formas de organização colectiva e de novas modalidades da experiência ética e estética, que nas sociedades centrais fazem o discurso da pós-modernidade.

Observando o que hoje somos, parece-me que também na comunicação oscilamos ainda entre três lugares de problematização do relacionamento da lusofonia com as sociedades centrais da modernidade: um lugar de défice, um lugar de dissidência e um lugar de diferença.

Nenhum dos nossos países ocupa uma posição central ou hegemónica no sistema mundial. Portugal e Brasil são duas sociedades semiperiféricas, uma no contexto europeu, outra no contexto americano. E as sociedades africanas de expressão oficial portuguesa pertencem sem margem para dúvidas, com as outras sociedades africanas, à periferia do sistema

mundial. Nestas circunstâncias, todos partilhamos posições de vulnerabilidade, apesar das diferenças significativas, diante dos efeitos de processos transnacionais que não controlamos.

Podemos assim lamentar, e com razão, um déficit nas ciências da comunicação de expressão lusófona. Constituindo nós muito embora uma comunidade científica jovem e vigorosa, ainda pequena, mas potencialmente muito grande, vivemos o quase insuperável drama de sermos periferia do centro; e o que torna mais angustiante esse drama é estarmos bastante à margem da modernidade e da modernização, é sermos ainda débeis nas nossas estruturas e pouco activos cientificamente. Precisamos de estruturar as formas de afirmação e internacionalização da nossa comunidade científica, seja por lógicas de participação em circuitos internacionais, seja por lógicas de afirmação internacional de uma diferença. Ao mesmo tempo, devemos continuar a desenvolver competências e hábitos nos domínios da qualificação científica de base em comunicação, articulando os planos de estudos dos cursos de ciências da comunicação com a generalização de uma atitude científica diante dos média e dos fenómenos comunicativos *lato sensu*.

É nosso dever acompanhar o processo de globalização dos fluxos de comunicação, numa posição que não está condenada à alternância entre a dependência sistemática e esta ou aquela incursão singular ou conjuntural nos palcos mundiais mais proeminentes das ciências da comunicação. Teremos, sim, que fazer uma leitura afirmativa e prospectiva da nossa presença no mundo, valorizando a tensão entre ser ou poder ser margem e ser ou poder ser parte inteira. Sendo óbvio que nas presentes circunstâncias, a nossa afirmação não pode fazer-se no plano de uma equivalência estrita com o mundo anglo-saxónico, por exemplo, o que devemos é fazer-nos valer como diferença. Em meu entender, o nosso esforço deve orientar-se neste sentido, elaborando propostas de diferença comunicante (ou seja, de diferença que comunique, e não de diferença que dissida e isole), potenciando a complexidade das nossas distintas culturas nacionais, locais, comunitárias e étnicas.

O que não podemos ver-nos nunca é reduzidos à dissidência e ao isolamento. Nem a internacionalização das ciências da comunicação pode ser entendida como uma cedência à dominação, nem a globalização significa uniformização da comunicação. A afirmação da nossa identificação própria não pode constituir a expressão de uma recusa fundamental, por um qualquer receio de dissolução.

A escolha dos três temas propostos para as sessões plenárias, designadamente «Investigação em comunicação» e as ciências da comunicação do espaço lusófono «no contexto da globalização» e também «no quadro das ciências sociais e humanas», pretende precisamente assinalar o modo como

as ciências da comunicação se inscrevem nestes vários lugares de problematização do relacionamento da lusofonia com as sociedades centrais da modernidade.

Quanto à Lusocom, ela não se coloca apenas como futuro, nem como chancela da modernidade. Sendo um dos espaços científicos da lusofonia, a Lusocom coloca-se também como um território de travessia para quem, como nós, tem a fundura das raízes, e entre elas uma língua comum. Se é verdade que partilhamos parte das nossas histórias, estamos hoje mais interessados com a história do nosso futuro. E se partilhamos uma língua, o que mais nos importa são os laços que podemos urdir entre nós.

Foi neste sentido que aceitámos o desafio que nos foi cometido pela Lusocom de organizar este III.º Encontro Lusófono de Ciências da Comunicação. Em nome do Departamento de Ciências da Comunicação do Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho, gostaria de dizer o júbilo que representou para nós a assunção desta responsabilidade, que todavia teria sido inconsequente sem o apoio financeiro da Secretaria de Estado da Comunicação Social, da Secretaria de Estado da Cooperação, da Fundação para a Ciência e a Tecnologia e do Centro de Ciências Históricas e Sociais da Universidade do Minho.

Saudando todos os presentes, sobra-me uma última palavra para o Senhor Secretário de Estado da Comunicação Social, Dr. Arons de Carvalho, nosso companheiro de armas na Universidade Nova de Lisboa, membro honorário da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação e sócio honorário da Lusocom. É pesada a dívida de gratidão que a Comissão Organizadora deste Encontro tem para consigo. Em meu nome pessoal e em nome do Departamento de Ciências da Comunicação do Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho, agradecemos-lhe o vincado empenho que colocou no apoio a este Encontro.

Minhas senhoras e meus senhores, caros colegas, mãos à obra nos trabalhos deste Encontro.